

Universidades Lusíada

Almeida, João Serra de

**Somos contadores de histórias : brincadeira
lúdica e criativa de recolher e (re)escrever
(estórias) histórias para a criança**

<http://hdl.handle.net/11067/4639>
<https://doi.org/10.34628/za12-bq67>

Metadados

Data de Publicação

2017

Resumo

A criatividade é uma função da psique do ser humano que lhe permite a transformação de conteúdos mentais que remetem ao sofrimento, em conteúdos mentais possíveis de serem integrados. Neste sentido, e atendendo a novas metodologias estratégicas de intervenção junto de diversas populações, desde as infantis, aos adolescentes, aos adultos e até mesmo aos idosos, o presente trabalho pretende fornecer uma revisão por de entre a Literatura Portuguesa e Internacional traduzida, de forma a recolher alg...

The creativity is a function of the human being's psyche that allows him/her the transformation of mental contents, wich are understandable to be integrated. In this sense, and assisting to new strategic methodologies of intervention near several populations, from the infantile ones, to the adolescents, adults or seniors. The presente work intents to supply a revision for, and from, the Portuguese and International Literature translated, in way to collecyt some books and histories, wich can be u...

Palavras Chave

Criatividade - Aspectos psicológicos, Criatividade na literatura

Tipo

article

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-IPCE] RPCA, v. 08, n. 2 (Julho-Dezembro 2017)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T07:25:21Z com informação proveniente do Repositório

**SOMOS CONTADORES DE HISTÓRIAS - BRINCADEIRA
LÚDICA E CRIATIVA DE RECOLHER E (RE)ESCREVER
(ESTÓRIAS) HISTÓRIAS PARA A CRIANÇA**

**WE ARE ACCOUNTANTS OF HISTORIES - LUDIC AND
CRIATIVE GAME TO COLLECT AND (REVERSE) TO WRITE
HISTORIES FOR THE CHILD**

João Serra de Almeida
ISPA - Instituto Universitário

Resumo: A criatividade é uma função da psique do ser humano que lhe permite a transformação de conteúdos mentais que remetem ao sofrimento, em conteúdos mentais possíveis de serem integrados. Neste sentido, e atendendo a novas metodologias estratégicas de intervenção junto de diversas populações, desde as infantis, aos adolescentes, aos adultos e até mesmo aos idosos, o presente trabalho pretende fornecer uma revisão por de entre a Literatura Portuguesa e Internacional traduzida, de forma a recolher alguns livros que possam ser úteis à função do psicólogo no contexto clínico.

Palavras-chave: Histórias, Criatividade, Estratégias, Reparação psíquica.

Abstract: The creativity is a function of the human being's psyche that allows him/her the transformation of mental contents, which are understandable to be integrated. In this sense, and assisting to new strategic methodologies of intervention near several populations, from the infantile ones, to the adolescents, adults or seniors. The present work intends to supply a revision for, and from, the Portuguese and International Literature translated, in way to collect some books and histories, which can be useful to the psychologist's function in the clinical context.

Keywords: Histories, Creativity, Strategies, Psychic repairing.

Introdução

Toda a criança necessita algum dia de ser maravilhada. Como tal, Podemos pensar na criança do adulto ou na criança da criança que poderá ditar, em séria parte, o desenvolvimento da mesma do ponto de vista psicológico, como cognitivo, cultural e social.

O desenvolvimento do sujeito ocorre, no pensamento de Winnicott (1993; 1983; 1975) na relação entre sujeitos, constituindo um self do sujeito. A referida relação, tende a criar um espaço potencial onde concreto e ficção, real e irreal, fantasia, desejo e elementos do concreto se evidenciam, transformam e reorganizam, acabando por originar o sujeito psíquico, ou seja, o self.

O tempo, e espaço, de brincar das crianças deve ser utilizado enquanto tempo lúdico, onde se tendem a estabelecer pontes ao desenvolvimento das suas capacidades físicas e emocionais.

Neste espaço e tempo, o sujeito constitui-se enquanto personagem da sua acção, transmutando-se ao lugar, oriundo de si, espelhado no outro, num plano que se constitui enquanto cenário da mente, onde diversos intervenientes actuam enquanto personagens constituintes do referido sonho da mente do sonhador (Ferro, 2017), constituindo um espaço psíquico com referidos objectos

e representações internas.

Como tal, o brincar, e neste caso, o ler(se) tende a caracterizar-se enquanto uma actividade aberta, livre e mágica, onde o sujeito se descobre e vem a descobrir o outro, em si no outro, e o outro em si. De acordo com Piaget (Pina, 2010) o jogo simbólico, bem como, a imitação ao adulto e a constituição de imagens mentais na criança, desempenham um papel considerável no pensamento como fonte de representações individuais e de esquematização representativa. Outra característica do processo simbólico será a diferenciação entre os significantes e os significados, entre o símbolo e o signo, e o acontecimento e objecto.

Ferro (1995) aponta o Jogo como o reflexo da relação primária, projectada pela criança, do encontro mágico entre a mãe e a criança, que pelas diversas identificações projectivas, profundos intercâmbios comunicativos, com direcionabilidade à transformação, capacidade rêverie, reconhecimento e conhecimento do outro sobre o sujeito, sob base da identificação projectiva com posterior criação de diversos estados afectivos e emocionais, e com a trama da própria brincadeira e da insaturabilidade correspondente, vêm a promover estados projectivos com correspondente direcionabilidade interno-externo.

Com o brincar, podem ser representados os medos, angústias e representações parentais (ou substitutos), constituintes do espaço interno do sujeito que brinca e que se projecta numa história viva de si mesmo ou seja, o próprio actor no seu palco interno, personagem de si, que com as suas próprias personagens constituindo enredos projectivos, se vem a (re)contar e a (re)narrar (Ferro, 2017).

O brincar pode, então, ser equiparado a um espaço onde se pode propiciar a simbolização, que pelo contacto entre o que joga e aquele que observa, aos poucos se vai constituindo uma certa relação, acenado pelo brinquedo, a pessoa acompanhante e o próprio da constituição desses mesmos cenários da mente, podendo o espaço mental ser preenchido de vazios com preenchimentos dos outros num acto criativo e auto-explorador, com revelações inconscientes com ponte à fantasia da própria criança (Ferro, 1995).

Visto por Klein (Ferro, 1995) o jogo pode ser visto como o verdadeiro trabalho da criança, como uma actividade que se projecta directamente ao conteúdo das fantasias, das angústias, medos, ansiedades, e que posteriormente lhe permite controlar e posteriormente elaborar. Esta actividade deverá ser compreendida como um todo, ou mesmo, de variáveis, ou interacções da criança e das suas próprias brincadeiras. Assim, importa descodificar/interpretar o brinquedo, o meio, o modo, o conjunto formado e o que move a criança no próprio jogo em si. Klein (1996) sugere, então, que o mundo interno da criança, constituído em parte pelos representantes psíquicos tópicos, terão relação com a formação de imagos parentais, que por via da cisão, projecção e identificação projectiva, serão depositados no exterior, acabando por constituir personagens,

que pelas inter e intra relações, vêm a revelar propriamente que tipo de relações tendem a estabelecer, que tipo de papéis possuem por intermédio dessas mesmas relações, se são contidas ou expansivas no sentido da realização do desejo (prazer vs. desprazer), bem como o representante do conhecimento, da procura, da exploração do intelecto, emocional, cognitivo e cultural. Tal, dará correspondência entre a criatividade e a capacidade sonhar acordado, ou seja, a criatividade como ponto austero do desenvolvimento de si, do outro e da relação e o sonho de a sonhar (por meio do acto de brincar).

Por de entre o brincar, pode-se observar a agressividade ou estados agressivos, ansiedades primárias, persecutórias, como a culpa persecutória ou referentes à posição esquizoparanoide, a culpa ou a reparação referente à posição depressiva, as fases do desenvolvimento psicosexual de Freud, os mecanismos de defesa característicos dessas mesmas fases, desde os mais primários, como os psicóticos / ou provenientes de estados borderline, aos mais evoluídos, com proximidade a estados bordeline ou a estados neuróticos, ou seja, desde expulsões, explosões, projecções e identificações projectivas, introjecções, às cisões, idealizações, restituições, reparações (em Klein (1996) pelo acto criativo do Self, na capacidade de reparação do objecto danificado), à constituição do recalçamento, formações reactivas, por de entre outros. Todos os mecanismos enunciados surgirão na constituição de objectos e fantasias internas, que posteriormente se projectam na relação, como reprodução das relações passadas (Ferro, 1995). Por outro lado e ainda em relação às dinâmicas observadas, Klein (1996) visa a importância que os processos identificatórios e identitários possuem no psiquismo da criança.

No entanto, em acordo com Ferro (1995) será de primeira ordem a passagem de estados emocionais saturados a estados emocionais insaturados, com a compreensão das dinâmicas relacionais, conflitos intrapsíquicos, com a constituição de narrativas pessoais, fundadas nos pressupostos anteriores, com a possível desconstrução e reelaboração de fantasmas do mundo interno e de factos externos ou históricos.

Neste sentido, o espaço mental produzido pelo jogo, poderá induzir a criança e o psicólogo/psicoterapeuta a explorarem recantos da mente da própria criança, desenvolvendo, sobretudo a capacidade pensar sobre si e sobre o que a rodeia, portanto, de desenvolver o seu aparelho psíquico (aparelho de pensar pensamentos), sobre a raiz comum da existência de um mundo interior, a transferência desse mesmo mundo, ou identificação projectiva, a recepção, o trabalho efectuado sobre o material psíquico, a transformação, a constituição de uma nova relação, a interligação à sua história e, por fim, a (re)constituição do mundo interno da criança (Ferro, 1995).

Belo (2015) aponta que no encontro da verdade do sujeito pelo próprio sujeito, de uma passagem de falso self a verdadeiro self, ou seja, na possibilidade

de existência do sujeito, onde o afecto preenche a palavra, e a palavra dá forma ao afecto, joga-se primeiramente a possibilidade do gesto espontâneo, da criatividade e da capacidade de explorar(se), que por de entre o espaço de encontro entre a realidade e a fantasia, se vai formando uma barreira delimitadora do dentro e do fora, do interno e do externo, barreira esta que vem a possibilitar a separação e a individuação, que fundada num espaço transicional, vem a permitir o acesso ao simbólico e à ampliação e transformação da subjectividade do sujeito.

Neste sentido, e seguindo o pensamento de Sá (2003) onde o sujeito unicamente existe, não da unicidade solitária do pensamento consigo próprio, mas sim, da capacidade de tornar pensamento no próprio, os pensamentos que decorrem da relação com os outros, permitindo, assim, aceder ao lugar de criador e transformador do próprio pensamento, embebido de relação com os outros. Neste sentido, e partindo do pressuposto que o bebé pensa por si só e a mãe será o seu guia de iluminação, orientando a um melhor e adequado pensamento, tem-se que o funcionamento reflexivo (resultante do fluxo da memória e da não intencionalidade do pensamento), bem como a capacidade de mentalizar (a função que interliga imagem a palavra, vida pulsional e emocional à transformação sob diversas formas isoladas) e, posteriormente, a função simbólica, onde se ligas diversas representações, pela relação do símbolo (pensamento) ao simbolizado (aquilo em que se está a pensar) com a mediação de um self interpretativo. Neste sentido, organizam-se espaços relacionais, com figuras relacionais que, à constituição das ligações vinculares (ou bases seguras) vêm permitir a constituição de espaços potenciais ou transitivos onde o eu emerge e, posteriormente se (vai) cria(ndo), transformando e organizando, sucessivamente ao longo da vida (Sá, 2009).

O explicitado por Sá (2009) dirá respeito à constituição do processo comunhão, onde bebé e mãe convivem num espaço (unitário), posteriormente potencial/transitivo, onde ambos não sejam dependentes, mas sim independentes, e autónomos, à partida, pelo menos na sua capacidade de pensar, contudo, melhor, ou pior desenvolvida, tendo ou não os mecanismos que permitam à constituição consistente e, reflexo de bases segura, da mente/aparelho de pensar pensamentos.

Ora, e tendo por conta esta primeiro processo criativo do self e a constituição dessa mesma função relacional, Winnicot (Sá, 2009, 2003, 2003*) aponta os objectos transicionais e os fenómenos transicionais como elementos primordiais à compreensão do brincar na criança. Neste sentido constitui-se como objecto fantasiado/imaginado, representante do substituto materno, que num espaço transitivo darão origem à área transicional entre realidade e irrealidade/fantasia/imaginação (entre a actividade criativa primária e aquilo que foi introjectado). Sá (2003) aponta outros conceitos, também presentes em Winnicot (1983, 1975) como Handling (sentimento de existir no interior do outro – o que permite a

personalização), o Holding (os cuidados infantis e as experiências emocionais agudas – que permitem a integração do mundo psíquico) e, por fim, a presença/constância do objecto (permite assegurar uma relação harmoniosa entre as realidades interiores e exteriores, permitindo a condução a um espaço de ilusão – aquisição do sentido de realidade).

Neste sentido, a criança cria as representações (psíquicas), para posteriormente as re-viver e colocar em relação num espaço transitivo, com possível acesso ao símbolo ou tradução da experiência vivida, e sentida, pela palavra e pelo acto (acto espontâneo de explicitação do mundo interno). Ogden (Sá, 2003) refere que se não ocorrer transformação em símbolo, aquilo que resultará será unicamente a existência em fantasia, por outro lado, Bollas (Sá, 2003) afirma que para isso acontecer, deverá ser accionado o objecto transformacional do sujeito, conseguido pela relação primária materna (i.e., a memória desta mesma relação será traduzida na manifestação da busca de um objeto que permita a transformação do self em si mesmo). Daqui Winnicot (Sá, 2003) afirma que a relação será o eixo estrutural da estruturação do self, à integração mental com equilíbrio com a realidade, bem como, com o sentido de ser em si, e no outro.

Neste sentido, o brincar será um espaço onde a criança irá projectar, transformação pelo pensar do clínico sobre a criança, e posterior introjeção dos elementos pensados, levadas a cabo por manifestações relacionais, com a presença e ligação com objectos da relação, onde se funda a autenticidade do sentido e experienciado, com posterior passagem da dependência absoluta, à relativa, e à capacidade de estar só (Winnicot, 1983, 1975). Santos (2010) explícita que primeiramente existe um estado não organizado, de não-eu, em que não há um ser integrado, mas si desintegrado, contudo potencial, com possibilidade de se potencializar, bem como, de estabelecer relações consigo mesmo, e com o meio e, dessa forma, a constituição de tempo, espaço, um eu e não-eu, a destrição da realidade e da fantasia, delimitada pelo espaço potencial de criação entre a realidade e a fantasia (cultura de si, e do outro). Assim, a mãe, ou neste caso o clínico, surge como o potenciador, catalisador (Coimbra de Matos, 2017), suficientemente bom, à ilusão do sonho, da possibilidade de controlo e de posse de possíveis, e cronológicas, decepções direccionadas ao mesmo. Neste sentido, tem-se em primeiro plano, os processos comunicacionais-relacionais que se operam na capacidade de amar, pelo constante espelhamento do clínico à criança, embebido numa lógica contentora e delimitadora (processo onipotente/dependente – ilusão/construção do objecto com introjeção e consolidação – independência/capacidade de estar só). O brincar constitui-se uma catividade onde sujeito se re-descobre, como actividade primordial, essencial e originária para se puder-ser, com a sustentação dos processos criativos que possibilitam o (re)criar (puder-ser) (Santos, 2010).

Por fim, em relação aos modelos interpretativos do próprio brincar em si,

e tendo em conta o acima descrito, tem-se com Winnicot (1983, 1975) as fases do brincar. Em primeiro lugar, surge a fase (1) de fusão entre bebé e o objecto, fazendo a mãe o papel de elemento descodificador do meio, conseguindo traduzir o meio ao bebé; pela (2) segunda fase, tem-se que o objecto é repudiado, e aceite de novo quando percebido, por outro lado, permitirá o contacto com a onnipotência, a capacidade de controlo do objecto (ou incapacidade), bem como o desenvolvimento de confiança, manutenção e consistência relativos à presença-ausência, ida e retorno do objecto, sendo sempre a conjugação da fantasia, experienciação do controlo e a possibilidade de frustrar perante a necessidade de sentir a falta do objecto; num terceiro momento (3) tem-se a capacidade de brincar só, na presença do terapeuta, ou psicólogo, tendo como suporte uma base interna bem desenvolvida e segura que permita levar o objecto materno no interior do seu espaço interno; e, por fim, (4) o estágio onde a mãe se re-introduz e a criança permite que esta partilhe ideias próprias, sustentadoras de um outro brincar, ou seja, onde duas realidades distintas se juntam e brincam numa relação a dois.

Em tom de conclusão, será de realçar que a criança visa a busca de determinado brinquedo como forma de se expressar em relação a uma dada situação/contexto/experiência. Tal evidencia o movimento projectivo existente no brincar como acto de imaginação e de criação (Sá, 2003) e de expressar e de elaborar uma determinada angústia (Affonso, 2012), mas sobretudo, e independentemente da brincadeira, o alcance de uma forma de se tornar pessoa – o nascimento do Eu – (Winnicott, 1975), com uma determinada cena onde se é personagem de si própria (Ferro, 1995).

Estas são as ideias que levam à conceptualização e análise das obras seguintes. Onde se tem o lugar do Eu, do Eu-Eu, Eu-Outro, relação objecto, construção do objecto, realce da criatividade

Metodologia

Foram lidos e analisados dinamicamente (referencial teórico psicodinâmico/psicanalítico) seis livros de contos, de forma a serem pensados na sua dinâmica própria, e possível utilização dos mesmos para fins psicoterapêuticos. Como tal, tem-se (1) o conto dos contos dos Irmãos Grimm (2013): Conto do rapaz que partiu para aprender a ter medo; (2) do escritor José Luís Peixoto (2016): Todos os escritores têm piolhos na cabeça; (3) do escritor João Serra de Almeida (Conto não publicado); (3) Tenho uma mala maior do que eu; (4) O lugar do adoecimento e posterior reparação interna do sujeito e respectivos objectos ou representações parentais; (4) De Saint-Exupéry (2001): Príncipezinho; (5) do escritor Jean Giono (2016): O Homem que plantava árvores; (6) do escritor Richard Bach (2013): Fernão Capelo Gaivota - O voo da gaivota.

Resultados e discussão

Nesta dimensão, pretende-se apresentar os resultados resultantes da pesquisa e compreensão efectuada. Como tal, constitui-se numa tabela quer os autores e contos, ideias principais e análise sucinta dos mesmos.

Conto e Autor	Principal apontamento	Comentários e orientações recolhidas
Dos contos dos Irmãos Grimm (2013): 1. Conto do rapaz que partiu para aprender a ter medo	Entre o lugar de dependência e independência, e as capas que se formam quando nos tornamos exploradores (tímidos, inseguros e assustados)	<ul style="list-style-type: none"> • O rapaz mal amado pela mãe e pelo pai, que parte em busca do medo de sentir, sinónimo do medo de amar, em busca do eterno espelho não-desfocado de si próprio; • Luta entre a dependência e independência; • A rivalidade entre o irmão que tudo é, e tudo faz, o amado, e o reflexo do rapaz mal amado que parte em busca do reconhecimento e bravura paterna - Busca do nome paterno; • O rapaz que esconde os medos e os transforma em actos sanguinários como forma de provar a sua valentia e bravura de nada temer, refugiando-se na capa de um grande herói; • Dissociação do acto e da emoção / Repressão do medo em si - Grandiosidade - Desprezo pelo medo - Sintoma depressivo - Necessidade de aprovação, reconhecimento e olhar do pai; • Dicotomia entre a realização e o filho em si (diálogo entre um verdadeiro e um falso eu);
Do escritor José Luís Peixoto (2016) 2. Todos os escritores têm piolhos na cabeça	Diálogo entre continente e conteúdo e capacidade de transformar pensamentos	<ul style="list-style-type: none"> • Todos os escritores têm pensamentos que têm de ser pensados; • Todos os escritores têm pensamentos que são, por vezes, mantidos à distância para não serem pensados; • Todos os escritores podem desenvolver estratégias, mesmo que não o saibam, que lhes possibilita a defesa psíquica contra esses mesmos pensamentos, o que possibilita o pensamento do, e sobre os mesmos; • Todos os escritores têm pensamentos que custam (sofrimento mental) a ser pensados

Conto e Autor	Principal apontamento	Comentários e orientações recolhidas
Do escritor João Serra de Almeida (Conto não publicado) 3. Tenho uma mala maior do que eu	O lugar do adoecimento e posterior reparação interna do sujeito e respectivos objectos ou representações parentais / relações	<ul style="list-style-type: none"> • Todos os escritores têm pensamentos que consomem o próprio escritor confrontando-o com medos; • Todos os escritores se vêm na possibilidade de pensar ou não pensar sobre os seus próprios medos; • Todos os escritores têm uma forma lúdica, criativa e, possivelmente, sadia de se (re)escreverem; • A separação de um todo coeso / Fragmentação familiar • A desorganização como reflexo da separação • Ferida que se torna interna com a necessidade de ser reparada • A necessidade de um outro que auxilie no acto de pensar os pensamentos e emoções que surgem • A passagem entre lugares resultantes do luto da relação conhecida enquanto tal • O lugar da criatividade e da arte enquanto via da sublimação do que se sente • Os símbolos Mala (continente), Estrada (via de novos e velhos lugares).
Saint-Exupéry (2001) 4. Príncipezinho	De onde se sobressai a possibilidade de criação de relações e laços que se fundam no entendimento, onde a exploração, criatividade e desejo de conhecimento com consecutiva construção simbólica	<ul style="list-style-type: none"> • A busca pela relação, que se funda no amor e no olhar o outro / ou vazia sem este mesmo outro • A capacidade de criar e estabelecer, nutrir relações com os outros • A importância do cuidar do outro vs. O descuidar desse mesmo outro • O Eu criativo, explorador e investigador do sujeito do, e no mundo externo e interno • O essencial, abstracto que identifica a essência do Eu (Verdadeiro eu) • O mundo fantástico do ser criança - A maravilha da magia, do sonho, desejado e encantado • O mundo tenebroso e descuidado do adulto (que se esquece da sua criança interior) • O diálogo entre a capacidade de estar só e a dor e sofrimento da perda com quem se tem uma vinculação • Ser cuidador do planeta onde se vive (casa interna)

Conto e Autor	Principal apontamento	Comentários e orientações recolhidas
Do escritor Jean Giono (2016) 5. O Homem que plantava árvores	A presença e passagem entre fases de ódio e de amor, entre a destruição e capacidade de reparação do objecto	<ul style="list-style-type: none"> • A culpa de abandonar quem cuidou de si, reflexo do ser fraco ou possuir ferida narcísica • Construção da capacidade simbólica • Deve-se preservar e maravilhar a criança existente no sujeito • O sonho pacifista, reparador da “terra” seca e desvitalizada; • Onde a guerra desbasta os terrenos e promove um ciclo de Dor / Angústia / Morte - A esperança preenche o sonho da reparação desejado pelas partes vitais e sadias da sociedade; • Esperança, tenacidade, crença / acreditar e o acto de amor pelo outro (neste caso pelo “pulmão” e símbolo da vida); • A possibilidade de reparação de um contexto devastado pelo Homem • A presença do Pólo Ódio e Amor no psiquismo do sujeito • Entre a ideia de liberdade que se associa ao materialismo e ao inconformismo do sujeito; • Essência de ser diferente e não pertencer a um lugar do igual para igual; • Primazia do lugar pessoal, onde se diferenciando poderá identificar-se na, e com a sociedade; • Papel da aprendizagem, identificação com o outro e construção do referido Eu verdadeiro a partir do outro e de como este outro o vê; • O aluno que apreende objectos na exploração de se construir e, que pela dádiva do amor e da reparação, retorna ao grupo original e, ensinando, transmite e cria nova cultura
Do escritor Richard Bach (2013) 6. Fernão Capelo Gaivota - O voo da gaivota	Construção identitária e identificatória, passando do igual ao diferente e complementar	<ul style="list-style-type: none"> • O aluno que apreende objectos na exploração de se construir e, que pela dádiva do amor e da reparação, retorna ao grupo original e, ensinando, transmite e cria nova cultura

Discussão

A actividade lúdica representa o lugar da transformação e capacitação da mente à metabolização e mentalização de partes da experiência do sujeito, ainda por elaborar.

A criatividade remonta à utilização das capacidades cognitivas, emocionais e sociais, na transformação da dor/angústia, em objecto cultural, que desse mesmo objecto, contém uma ligação com o espaço e objectos internos do sujeito, sendo oriunda das relações precoces do sujeito.

Com as histórias acima descritas, pretende-se reenviar à compreensão e utilização da metáfora de forma a poder fornecer um sentido e significado à história do sujeito clínico.

A estruturação das respectivas metáforas vêm a permitir ao sujeito pensar sobre as artes in-pensadas de si, constituindo um espaço de compreensão, de securidade, contentor, onde se possibilita a personalização de si, enquanto objecto total, ou mais conhecedor de si próprio.

Por fim, se com Capelo Gaivota temos a possibilidade da identificação ao grupo, de construção de identidade/objecto/self/eu por via do próprio com a sua experiência e aprendizagem (identificação ideomórfica), ou pela identificação ao modelo, promotora de clones e seres pensantes numa linha, não sua, ou sua porque adquirida ao outro, fora do original e intrínseca da programação em série bruta de blocos (des)pensantes, mas necessária de forma a se dar os primeiros passos identitários, podendo ocorrer uma identificação grupo, sendo o segredo não a manter, ou não a mantendo transcende-la; por fim, a injeção do outro para o eu, a imagoico-imagética, a mais pura das primeiras identificações, fundadoras do eu, basilares da estrutura constituinte de quem se é, contudo, a pior quando se pensa nas toxicidades, por vezes com cheiro, outras inodoras, e outras perfumadas, que os objectos patogénicos injetam no eu. Com isto referir, que Capelo Gaivota se identificou pelo que o grupo inicialmente referiu do próprio, identificou-se com o modelo e começou a agir por si só, pelo investimento na sua própria imagem (Coimbra de Matos, 2007).

Por outro lado, o príncipezinho, revela a possibilidade de novas relações e formas de expressar a criação de vínculos, laços e bonding, com a descoberta do eu-criança, constituinte do espaço interno do sujeito que se perde e sente perdido, de onde emergem fantasmas e tensões, de onde re-aprende com a sua criança a escutar-se, no som do silêncio, que o silêncio do som transmite.

A re-constituição e reparação do continente psíquico e relacional que as relações oferecem remete ao texto de Almeida (em publicação), bem como ao texto de Giono (2016), onde o sujeito se planta e planta o mundo com vida e preenche o espaço com abertura e nova relação, de amor oblativo, de amor onde se cuida do outro sem pedir nada em troca, um amor que se quer, porque se quer, e se estima porque se ama quem se quer e quem se quer estimado.

Por fim, fica claro com o conto dos irmãos Grimm (2013), que o sujeito pode fabricar capas protectoras, de forma a proteger-se, quando renegado, porque não reconhecido e conhecido, amado e estimado, tratado e nutrido, de dentro para fora, poderá despoletar uma raiva imensa, que não sabendo que tristeza possui, ou seja, tristeza de não se ser amado.

Assim sendo, conclui-se, que à laia da possibilidade enumerada, e dos escritos analisados, em detalhe nos resultados, algo será certo de se afirmar, que o sujeito tem pensamentos, objectos, emoções, recordações, conscientes e inconscientes, sendo mais, ou menos conhecedor de si próprio e do outro, da relação entre ambos que têm de ser pensados, poderão não ser piolhos, certamente que não o são, contudo, e muito provavelmente, causarão uma comichão danada, e de nós se alimentarão.

Referências

- Affonso, R. M. (2012). O brinquedo, sua evolução e seus possíveis significados. Em R. M. Affonso, *Ludodiagnóstico - Investigação clínica através do brinquedo* (pp. 78-102). São Paulo: artmed.
- Almeida, J. M. S. ((s.d.) Em edição). *Tenho uma mala maior do que eu*. Lisboa: Chiado Editora.
- Bach, R. (2015). *Fernão Capelo Gaivota*. Lisboa: Lua de Papel.
- Belo, M. d. (2015). *O percurso de um psicanalista - Sessões de análise revisitadas*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Coimbra de Matos, A. (2017). *Nova Relação*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Ferro, A. (1995). *A técnica na psicanálise infantil - A criança e o analista: da relação ao campo emocional*. Rio de Janeiro: Imago.
- Ferro, A. (2017). *As Vísceras da Mente - Silabário emocional e narrações*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Giono, J. (2016). *O Homem que plantava Árvores*. Lisboa: Marcador.
- Grimm, I. (2013). Conto do rapaz que partiu para aprender a ter medo. Em I. G.-T. Silva, *Contos completos - Irmãos Grimm* (pp. 56-67). Lisboa: Temas e Debates - Círculo de Leitores.
- Klein, M. (1996). *Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago.
- Peixoto, J. L. (2016). *Todos os escritores do mundo têm a cabeça*. Lisboa: Quetzal.
- Pina, M. F. (1980). *Las relaciones entre pensamiento y lenguaje según Piaget, Vygotsky, Luria y Bruner*. Murcia: Murcia: Universidad, Secretariado de Publicaciones.
- Saint-Exupéry, A. D. (2001). *O Príncipezinho*. Lisboa: Editorial Presença.
- Sá, E. (2003). *Psicologia dos Pais e do brincar*. Lisboa: Fim de Século.
- Sá, E. (2003). *Textos com Psicanálise*. Lisboa: Fim de Século.
- Sá, E. (2009). *Esboço para uma nova Psicanálise*. Coimbra: Almedina.
- Santos, E. S. (2010). *Winnicott e Heidegger - Aproximações e distanciamentos*. São Paulo: DWW Editorial.
- Winnicott, D. (1993). *Textos Seleccionados: Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco alves.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação - Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas.